

NAMPULA



ALGODÃO:

PROBLEMAS IMEDIATOS A RESOLVER

Nas províncias de Niassa, Nampula, Cabo Delgado e Zambézia que visitámos recentemente, a produção de algodão está a aumentar após uma queda repentina em 1974 e 1975. No entanto há problemas imediatos de ordem técnica que, se não forem solucionados, poderão pôr em perigo a próxima campanha.

● Texto de António Matonse ● Fotos de Carlos Calado

Quando estivémos em Nampula, na última semana do mês de Julho, tivemos a oportunidade de visitar a Unidade Estatal de Algodão de Metochéria. Na altura estava-se na apanha última fase da campanha agrícola de 1977/1978.

Dezenas de trabalhadores sazonais encontravam-se empenhados nessa tarefa do momento. Segundo informações por eles fornecidas apanhavam, em média, 20 quilos diários de algodão. Faria Lobo, res-

ponsável da Repartição de Avenças e do Sector Técnico afirmou-nos que numa primeira apanha contavam com «uma média de 35 a 40 quilos diários por trabalhador». Mas tal não estava a verificar-se, pois bastante algodão estava espalhado no chão que, adicionado com os números diários da apanha, indicavam uma fraca produtividade dos trabalhadores.

O facto de o algodão encontrar-se espalhado no chão, para além da fraca produtividade, verificou-se porque houve «um grande aumento de produção em relação ao ano

anterior» e o número de trabalhadores não correspondia às necessidades da apanha.

Este foi o problema que se colocou, portanto, na última fase da campanha de 1977/1978. No entanto, as atenções dos homens afectos ao ramo algodoeiro, viram-se para a campanha de 1978/1979, que logo à partida apresenta problemas que poderão contrariar o seu rumo.

Nesta campanha processar-se-á a distribuição de semente do algodão não desinfectada. «Esta semente é que será lançada à terra nos milhares de hectares pertencentes às unidades estatais, machambas familiares, cooperativas e empresas privadas. E a semente lançada à terra nestas condições está sujeita a ataques e posterior destruição por parte das bacterioses. Segundo nos afirmaram, a província de Nampula atravessou, nos anos anteriores, «**íases gravíssimas devido às bacterioses que destruíram em grande escala as produções**». «A semente não está desinfectada porque o desinfectante — bactericida — vai chegar atrasado à província.

A acompanhar esta anomalia os algodoeiros que posteriormente poderão vir a nascer estão ameaçados pela prodénia, «**uma lagarta que ataca o algodão**». A prodénia, segundo Faria Lobo, «**é uma praga difícil de combater porque alimen-**



A apanha do algodão no fim da campanha de 77/78: a necessidade de se organizar melhor...

24/9/78

ta-se praticamente de tudo e ataca as plantações de algodão nas alturas mais inesperadas». O produto químico que «a controla totalmente e com relativa facilidade» neste momento não existe em Nampula. No entanto foi pedido.

Isto verifica-se quando a Província pensa, no sector estatal, aumentar a área de cultivo para 18 000 hectares. Os dezoito mil hectares, paralelamente aos outros problemas, estão sujeitos a alguns condicionaisismos. «Temos de entrar em conta que essas machambas (as que vão ser ocupadas) estiveram abandonadas durante quatro, cinco anos. Criaram muito mato, muitos arbustos que há necessidade de combater».

Por outro lado são terrenos «cansados». Isto é, «estiveram sujeitos a um regime de exploração intensivo, sem tratamento de poeios e sem rotações. Semeava-se simplesmente algodão...»

Estas são as questões que se põe para a próxima campanha. Contudo, o que é que se passou no ramo algodoeiro nas campanhas passadas e durante a era colonial?

DA QUEDA À ASCENDÊNCIA

Nesta província a cultura do algodão foi bastante incentivada, por um lado, pelas autoridades coloniais e, por outro lado, tornou-se cultura obrigatória para numerosas populações. Era incentivada para os colonos/latifundiários (na sua maioria) que detinham largos hectares de terra, e obrigatória para as populações para a posteriormente venderem o produto a míseros escudos.

O sector empresarial — que era constituído pelos colonos/latifundiários — era o dominante na altura. Era o sector que possuía tecnologia avançada no cultivo de algodão. Se formos a verificar os dados das áreas cultivadas e a sua correspon-



Depois da colheita nova campanha se inicia. No entanto, a campanha agrícola de 1978/1979 no sector algodoeiro encontra dificuldades logo à partida...

dente produção obtida a partir do ano de 1970 até 1974 notaremos que esse sector caminhava a passos largos, ou melhor, aumentava as suas áreas de cultivo e números de produção de ano para ano.

Vejamos.

Na campanha agrícola de 1969/1970 o sector empresarial cultivou 20 280 hectares e produziu cerca de 19 mil toneladas de algodão. No ano de 1974 já se encontrava nos 46 278 hectares com a produção de 42 mil toneladas!

A cultura do algodão dava bons frutos e fabulosos lucros.

No entanto a velocidade crescente que a cultura de algodão levava começou a afrouxar e num determinado período declinou.

O período que fica entre os anos de 1974 e 1976 poder-se-á chamar de «o período adormecido» para a cultura do algodão. Sabe-se que na campanha agrícola de 1974/1975, numa forma surpreendente mas explicável, o sector empresarial reduziu a velocidade para uma produção de perto de 15 mil toneladas em cerca de 19 mil hectares cultivados. Da campanha de 1975/1976 desconhecem-se as áreas cultivadas e os resultados obtidos.

Esta queda brusca verificou-se pelo seguinte:

A partir de 1974, altura em que o Governo de Transição toma posse, e mesmo anteriormente a isso, a semelhança do que se verificou em

todo o país, os colonos/latifundiários começaram a fugir de Moçambique deixando atrás de si uma situação caótica: as empresas sem fundos para pagarem aos trabalhadores, e investirem nas campanhas seguintes, meios de produção danificados, trabalho paralisado, etc. Paralelamente, muitas famílias abandonaram a cultura do algodão, um acto de revolta contra a obrigação imposta pelos colonialistas. Assim, milhares de hectares, tanto no sector empresarial como do sector familiar, entraram na fase em que criaram «muito mato, muitos arbustos».

Das empresas agrícolas abandonadas, como já é do conhecimento geral, o Estado, através do Ministério de Agricultura, delas tomou conta.

Assim surgia no campo, paralelamente aos já existentes sectores empresarial e familiar, o sector estatal. Na mesma altura também nasciam as cooperativas de produção de tabaco criadas pelos camponeses que já o vinham cultivando há muitos anos. Na campanha de 1976/1977 o sector estatal nascente ocupou uma área de 3909 hectares o que lhe valeu cerca de 5 mil toneladas de algodão.

No ano seguinte, 1977/1978, o sector estatal subiu a sua área de cultivo para 11 664 hectares, ficando o empresarial com cerca de 10 mil. No entanto, o sector familiar, que esperava produzir nesta campanha 15 mil e 500 toneladas é que ficou, dispersamente a ocupar maior parte das terras. O sector empresarial ficou por produzir perto de 1900 toneladas e o sector cooperativo com cerca de 2 mil toneladas por produzir. No total o ramo algodoeiro previa uma produção de 41 322 toneladas.

Segundo opiniões recolhidas em Nampula, as estimativas não serão atingidas, contudo, aproximar-se-ão do previsto.



Trabalhadores sazonais na apanha. Onde está a produtividade?